

Jurema (conceito)

Escrito por: Marcus Vinícius Barreto.

Publicado em: 05/12/2019

O termo Jurema aparece em obras de Ciências Sociais e Humanas para designar determinadas espécies vegetais do gênero Acácia, a exemplo da *Mimosa tenuiflora*. Indica também a bebida psicoativa feita a partir dos componentes desse mesmo vegetal, utilizada em rituais de comunidades indígenas e naqueles que integram uma parte das religiões de matriz africana; nomeia, ainda, os próprios rituais cujos participantes ingerem a bebida. No que concerne à cosmovisão da Jurema, uma plêiade de símbolos está presente nos rituais que apresentam modos bastante variados de composição. Em linhas gerais, a bebida, a fumaça expelida dos cachimbos, o maracá e os cânticos são elementos comuns a quase todas as cerimônias realizadas, seja nas comunidades indígenas seja naquelas que constituem as religiões de matriz africana. Entre os indígenas, os ritos permitem que xamãs estabeleçam comunicações com o mundo dos Encantados. Já no universo afro – mais recorrente em centros urbanos – , o cerimonial possui algumas semelhanças com as chamadas “giras de Umbanda” e as divindades que caracterizam o *métier* juremeiro são os mestres e as mestras. Outra particularidade desse cosmos são os ritos iniciáticos por meio dos quais os praticantes tem acesso às “cidades” da Jurema onde, conforme os relatos nativos, o iniciado constrói sua relação com uma divindade, adquirindo os conhecimentos adequados para realizar trabalhos de cura e prevenir-se de infortúnios.

Embora existam diferentes pontos de vista acerca das religiões juremeiras, em quase todas as pesquisas sobre o tema, os estudiosos concordam que a Jurema abrange um universo mítico-ritual de origem indígena, frequentemente presenciado na região Nordeste do Brasil desde o período colonial. Na década de 1930, surgem os primeiros escritos sobre o uso ritualístico da Jurema. Mário de Andrade (1893-1945) e os técnicos da Missão de Pesquisas Folclóricas, dedicada a inventariar manifestações

BARRETO, Marcus Vinícius. 2019. "Jurema". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/jurema>>. ISSN: 2676-038X.

culturais brasileiras, catalogam músicas que são gravadas, transcritas e comentadas pelo escritor modernista, por exemplo em *Música de feitiçaria no Brasil*, conferência de 1933. Por meio de uma análise melódica das cantigas do “catimbó” – nome utilizado na época para denominar o uso da jurema em rituais realizados nas cidades de Natal e Recife – , o pesquisador chama a atenção para a função hipnótica da musicalidade e destaca a presença de alguns símbolos em cerimônias como “os mestres” e a “árvore da jurema”. Nesse mesmo período, o médico e folclorista Gonçalves Fernandes (1909-1986) utiliza as noções de “mistura religiosa” e “sincretismo” em suas obras, *Xangôs do nordeste: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife*, 1937 e *O folclore mágico do nordeste*, 1938, para falar sobre a prática do catimbó no contexto recifense, estabelecendo contraposições entre os ritos catimbozeiros e o universo do Xangô que, assim como o candomblé, seria o culto fidedigno a uma origem africana na visão de certos intelectuais. Em 1945, em *Imagens do nordeste místico em branco e preto*, o sociólogo francês Roger Bastide (1898-1974) descreve um ritual de catimbó, ratificando a origem indígena da Jurema e estabelecendo oposições entre essa prática e o candomblé da Bahia. Na sequência, Câmara Cascudo (1898-1986), ao tornar públicos alguns de seus escritos sobre folclore, como *Meleagro* (1978) e o *Dicionário do folclore brasileiro* (1969), faz coro às ideias de Mário de Andrade propondo uma antologia das manifestações culturais brasileiras e difundindo um tema que ocupou lugar de destaque no pensamento social e nas Ciências Sociais brasileiras: o mito das três raças. Nesse sentido, vê o catimbó como resultado de confluências entre a bruxaria ibérica, a farmacopeia indígena da Jurema e a musicalidade rítmica das macumbas bantu.

Até os anos 1990, os pesquisadores pouco se debruçam sobre as religiões juremeiras. Na primeira metade do século XX, alguns autores definem a Jurema em termos de “magia”, “feitiçaria” e “baixo espiritismo” e as análises, de maneira geral, resumem-se a breves descrições dos rituais. Algumas exceções merecem destaque, lembremos, entre outros, o trabalho de René Vandezande (1930-2017), que investiga o uso da Jurema em terreiros de Umbanda da Paraíba e, que, em *Catimbó: pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de religião mediúnica* (1975), descreve

relatos que remontam à trajetória da família Acaes, de Alhandra, salientando o modo como esses atores construíram uma tradição, até hoje reverenciada na região Nordeste, em torno do uso da Jurema. Nos anos 2000, surgem novas pesquisas sobre o tema; algumas colocam em relevo o horizonte histórico, caso de Guilherme Medeiros que, em *O uso ritual da Jurema entre os indígenas do Brasil colonial e as dinâmicas das fronteiras territoriais do nordeste no século XVIII* (2006), analisa documentos coloniais, afirmando ser possível aventar o uso da Jurema a partir do XVIII. Outras pesquisas – como *Toré e jurema: emblemas indígenas no nordeste do Brasil* (2008), de Rodrigo de Azeredo Grunewald acerca do uso da Jurema pelos índios Atikum – voltam-se para as identidades étnicas construídas pelos grupos indígenas do Nordeste que, almejando reivindicar o reconhecimento da autoctonia perante o Estado brasileiro e conquistar direitos, lançam mão da Jurema como símbolo de seu status de “povos tradicionais”.

Dos anos 2010 em diante, a literatura acadêmica sobre o uso da Jurema se amplia, dando lugar a construções narrativas inéditas. Em 2017, o juremeiro e fundador da ONG Quilombo Cultural Malunguinho em Pernambuco, Alexandre L’Omi L’Odo defende a dissertação de mestrado *Juremologia: uma busca etnográfica para sistematização de princípios da cosmovisão da jurema sagrada*, por meio da qual constrói um relato sobre a tradição da Jurema do ponto de vista de seus praticantes, conferindo visibilidade à figura de Malunguinho, que é tanto o nome do líder do Quilombo do Catucá – construído e destruído na primeira metade do século XIX – quanto o de uma divindade do panteão das religiões juremeiras.

COMO CITAR ESTE VERBETE

BARRETO, Marcus Vinícius. 2019. "Jurema". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/jurema>>

BARRETO, Marcus Vinícius. 2019. "Jurema". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/jurema>>. ISSN: 2676-038X.

ISSN: 2676-038X (online)

PALAVRAS-CHAVE

ciências sociais brasileiras; diáspora negra; folclore; religiões de matriz africana; América indígena; Nordeste

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de, *Música de feitiçaria no Brasil* (1933), Belo Horizonte, Itatiaia, 1983

BASTIDE, Roger, *Imagens do nordeste místico em branco e preto*, Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1945

BRANDÃO, Maria do Carmo & RIOS, Luís Felipe, "O Catimbó-jurema do Recife" In: Reginaldo Prandi (org.), *Encantaria brasileira: o livros dos mestres, caboclos e encantados*, Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2004

CASCUDO, Luís da Câmara, *Meleagro: pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil*, Rio de Janeiro, Agir, 1978

CASCUDO, Luís da Câmara, *Dicionário do folclore brasileiro*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969

FERNANDES, Gonçalves, *Xangôs do nordeste: investigações sobre os cultos negro-fetichistas do Recife*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937

FERNANDES, Gonçalves, *O folclore mágico do Nordeste*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1938

BARRETO, Marcus Vinícius. 2019. "Jurema". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/jurema>>. ISSN: 2676-038X.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo, "Toré e jurema: emblemas indígenas no nordeste do Brasil", *Cien. Cult.*, São Paulo, 2008

GOULART, S. L., *O uso ritual das plantas de poder*, Campinas, Mercado das Letras, 2005

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo, "Nas trilhas da jurema", *Religião e Sociedade* 38 (1), 2018, p. 110-135

MEDEIROS, Guilherme, "O uso ritual da Jurema entre os indígenas do Brasil colonial e as dinâmicas das fronteiras territoriais do nordeste no século XVIII", *Congresso Internacional Las sociedades fronterizas del Mediterráneo al Atlántico (ss. XVI-XVIII)*, Madrid, 2006

MOTA, Clarice Novaes da, "Jurema e identidade: um ensaio sobre a diáspora de uma planta" In: LABATE, Beatriz C. & GOULART, S. L., *O uso ritual das plantas de poder*, Campinas, Mercado das Letras, 2005

NASCIMENTO, Marco Tromboni de S. "O tronco da Jurema: ritual e etnicidade entre os povos indígenas do nordeste - o caso Kiriri", *Dissertação de Mestrado*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1994

BARRETO, Marcus Vinícius. 2019. "Jurema". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/jurema>>. ISSN: 2676-038X.